

OS HOMENS DO MAR

João Ribeiro Júnior

Todas as vezes que o homem encarou o mar, ficou fascinado, preso a ele por invencível simpatia. O homem procura por toda a parte as manifestações da vida; o movimento é destas manifestações a mais essencial: onde não há movimento, não há vida. E o mar é o eterno agitado, o eterno agitador.

“Por que é que nunca nos cansamos de contemplar o mar ? ”, disse algures um amante do mar. Os nossos olhos desviam-se sem custo e satisfeitos das paisagens terrestres, ainda que das mais encantadoras; mas o mar arrebatava a alma inteira em imortal fascinação. Os prados e veredas orlados de fetos, as clareiras dos bosques atapetadas em plena primavera com os azulados jacintos silvestres, por entre os quais cintilam as flores do mais vivo encarnado, mesmo no começo daquela suave estação quando as árvores, apesar de já cobertas de folhas, não ensombram ainda o tapete verde das relvas —, tudo isso podemos abandonar saciados; mas da praia, do mar, ainda que mais não ofereça do que alguma pobre alga ressequida, sinal da passagem da maré cheia, nunca nos afastamos sem custo. Assim, como num espelho se refletem as feições do nosso rosto, assim no movimento e no ruído das vagas reconhecemos a imagem da nossa vida.

É por isso que não se encontra na História da Humanidade, qual tenha sido a origem da navegação. Por toda a parte onde vemos o homem habitar junto às praias, quer na mais afastada época histórica, quer na mais atrasada manifestação da vida social entre os selvagens contemporâneos, por toda a parte encontramos o homem aventurando-se ao mar em frágil canoa, procurando dominá-lo, brincando com o espantoso gigante.

A Natureza não deu ao homem o instinto da natação, que concedeu a quase todos, senão a todos os mamíferos; o homem para nadar precisa aprender, mas pode-se dizer que a Natureza lhe deu o instinto da navegação. Antes mesmo de chegar à beira-mar, se é certo que a Humanidade teve o seu berço no interior das terras, é mais que provável que a vista do primeiro rio despertasse no homem a idéia de o atravessar. Assim, a primeira navegação foi provavelmente fluvial. Depois veio, naturalmente, o desejo de possuir esses seres brilhantes que se viam através das águas; o homem foi primeiro caçador e pescador do que agricultor. Só mais tarde é que a navegação serviu para o comércio, e só então é que ela teve verdadeiro desenvolvimento.

Mas, desde a mais remota antiguidade se encontra na História de certos povos uma grande tendência para as lides do mar; ao passo que outros povos mostram para elas menor inclinação.

A crítica histórica moderna assentou e demonstrou que em geral os povos apertados de encontro às praias por altas montanhas, que embarçam a sua expansão para o interior das terras, são mais navegadores do que aqueles que têm largo espaço por onde se espalham. E isto confirma-se logo no princípio da História. As civilizações mesopotâmicas são essencialmente terrestres.

Os monumentos mais antigos da História do Egito apresentam-nos, é verdade, tentativas e mesmo realizações de movimentos e expedições marítimas. Mas que é isso comparado com a vastidão de navegações, expedições longínquas e explorações comerciais, que imortalizavam os Fenícios, um pequeno povo, cujo território era um grão de areia ao pé do Egito ?

Foram os Fenícios os primeiros a circum-navegarem a África, como nos conta Heródoto (*História*, IV, XLII): "... não há dúvida de que a Líbia, exceto na parte que confina com a Ásia é circundada pelo mar. O primeiro a demonstrá-lo, tanto quanto consta foi Neco, rei do Egito. O qual, depois de ter deixado de escavar o canal do Nilo ao golfo arábico, mandou marinheiros fenícios a bordo de navios mercantes, com o encargo de regressarem pelas Colunas de Hércules, até chegarem ao mar do Setentrão e ao Egito. E os Fenícios partiram do mar Vermelho e percorreram o Mar do Meio Dia. Chegado o outono ancoravam, semeavam a terra nos pontos da Líbia onde a sua navegação havia chegado, e esperavam pela colheita. Faziam a colheita do grão e tornavam a partir. Passaram-se dois anos e no terceiro, dobraram as Colunas de Hércules e chegaram ao Egito. E diziam uma coisa na qual eu, por mim, não acredito, mas outros, talvez sim; isto é, terem visto, durante a circum-navegação da Líbia, o sol à sua direita."

A autenticidade da viagem é assegurada pela afirmação de Heródoto de que os Fenícios, durante o percurso, tiveram o sol à sua direita. Essa circunstância nos mostra que eles, realmente, atravessaram a linha equatorial.

Os Fenícios também alcançaram a misteriosa Ofir, o mítico Eldorado da Antiguidade, que até hoje não se sabe onde está localizada. Talvez, segundo alguns pesquisadores, na costa ocidental da Arábia ou na costa da Somália. As fontes a respeito são: **Primeiro Livro dos Reis** e o **Segundo Livro dos Paralipômenos**, incluídos no **Velho Testamento**, e ainda, **Histórias Fenícias**, de Sancumaton de Tiro, que foram traduzidas por Filon de Biblos, e citadas na **Preparação Evangélica**, de Eusébio de Cesareia.

E o que dizer das numerosas inscrições fenícias encontradas em diversas localidades da América do Sul, principalmente, no Brasil, como a inscrição de Pouso Alto, na Paraíba, noticiada por Ladislau de Souza Mello Neto, em 1864, e analisada pelo norte-americano Cyrus H. Gordon: “Nós somos filhos de Canaan (provenientes) de Sidon, a cidade do rei. O comércio atirou-nos a esta praia distante, terra montanhosa. Sacrificamos um jovem aos deuses e às deusas, no ano décimo nono de Hirão, nosso rei poderoso. Partimos de Exiongeber no mar Vermelho e viajamos com dez navios. Mantivemo-nos juntos ao mar durante dois anos, à volta da terra de Cam (África), mas a tempestade separou-nos e nunca mais nos encontramos com os nossos companheiros. Assim, viemos ter aqui, doze homens e três mulheres, a uma praia que, eu, o almirante, governo. Possam os deuses e as deusas favorecer-nos.”

E as inscrições da Pedra da Gávea, cuja “tradução” foi feita por Bernardo de Azevedo da Silva Ramos: “Tiro Fenícia Badezir Primogênito de Iethbaal” ?

Falsificações ou textos autênticos ? A dúvida permanece.

Para a história, com as respectivas indicações bibliográficas a respeito, consultar o artigo de Geraldo Irineu Joffily, “L’inscription phénicienne de Parahyba, in *Zeitschrift der Deutschen morgenlandischen Gesellschaft*, 1972, pp. 22 – 36. E ainda, Ludwig Schwennhagen, *Antiga História do Brasil (de 1100 a.C. a 1500 d.C.)*, Rio, Ed. Cátedra, 1970; Raymundo Ulysses de Pennafort, *Brazil Pré-Histórico*, Fortaleza, Typ. Studard, 1900; Renato Castelo Branco, *Pré-História Brasileira (fatos e lendas)*, Rio, MEC, 1971; e Eduardo B. Chaves, *Mensagem dos Deuses (Para uma revisão da história do Brasil)*, Lisboa, Livraria Bertrand, 1977.

Seja como for, aos Fenícios cabe, pois, verdadeiramente, o nome de **Homens do Mar**.

Onde quer que eles se instalassem, mesmo nas suas grandes e suntuosas cidades situadas na costa do Líbano, os Fenícios viviam mais no mar do que em terra firme. Suas comunidades se voltavam e se orientavam sempre para o lado das águas. A terra lhes servia, de uma certa forma, apenas como uma espécie de base que podia ser abandonada a qualquer momento, para mergulharem de novo no seu verdadeiro elemento. Tinha-se quase a impressão de que a solidez e a limitação da terra lhes causava desconfiança, e de que, além disso, não acreditavam em estabilidades imutáveis. A inconstância do mar, seus riscos e sua vastidão ilimitada pareciam corresponder mais de perto à idéia que faziam da vida do que a segurança que lhes proporcionava a terra firme.